

AS REPRESENTAÇÕES DO CRISTIANISMO PRIMITIVO NO ROMANCE “HÁ DOIS MIL ANOS”: REFLEXÕES SOBRE HISTÓRIA ANTIGA A PARTIR DA LITERATURA ESPÍRITA¹.

Paulo Samuel Viana Castro²

Resumo: Este artigo possui o objetivo de lançar algumas reflexões acerca das representações do cristianismo primitivo na obra literária intitulada “Há Dois Mil Anos”. Considerando os postulados defendidos pela doutrina espírita, a citada obra foi elaborada pelo médium Chico Xavier sob autoria espiritual de Emmanuel. Tendo como recorte temporal o século I d. C., o cenário do enredo compreende o Império Romano, aparecendo diversos espaços, desde a capital, Roma, até suas províncias, a exemplo da Judeia. Dentre os diversos acontecimentos mobilizados pela narrativa, alguns diz respeito às comunidades que se formaram após a morte de Jesus. No romance espírita, essas comunidades aparecem com grande importância, uma vez que se tornam parte integrante da trama, determinando o destino de importantes personagens. A forma como essas representações aparecem estão fortemente associadas com o lugar de produção da fonte, que dá sentido para a forma e o conteúdo. Desse modo, partiremos dessas representações para as reflexões aqui propostas.

Palavras-chave: Cristianismo. Espiritismo. Representações.

THE REPRESENTATIONS OF PRIMITIVE CHRISTIANITY IN THE NOVEL “TWO THOUSAND YEARS AGO”: REFLECTIONS ON ANCIENT HISTORY FROM THE SPIRITIST LITERATURE .

Abstract: This article aims to launch some reflections on the representations of primitive Christianity in the literary work entitled “Two Thousand Years”. Considering the postulates defended by the spiritist doctrine, the cited work was elaborated by the medium Chico Xavier under the spiritual authorship of Emmanuel. Having as a temporal cut the 1st century AD. C., the scenario of the plot comprises the Roman Empire, appearing in different spaces, from the capital, Rome, to its provinces, such as Judea. Among the various events mobilized by the narrative, some concern the communities that were formed after the death of Jesus. In the spiritist novel, these communities appear with great importance, since they become an integral part of the plot, determining the destiny of important characters. The way these representations appear are strongly associated with the source's place of production, which gives meaning to the form and content. Thus, we will depart from these representations for the reflections proposed here.

Keywords: Christianity. Spiritism. Representations.

¹ O presente artigo é fruto da pesquisa monográfica desenvolvida na graduação, sob orientação do professor Dr. José Olivenor Souza Chaves.

² Graduado em História pela Universidade Estadual do Ceará - UECE/FAFIDAM, tendo sido bolsista do PET-MEC. Especialista em Ensino de História (FAVENI) e mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Campina Grande - PPGH/UFCG. Endereço eletrônico: paulosamuelyvianacastro@gmail.com.

1 Introdução

Em 1939, pela editora da Federação Espírita Brasileira (FEB), foi publicada a primeira edição do romance intitulado “Há Dois Mil Anos”. Considerando o conjunto de crenças espíritas, base da produção da obra, “Há Dois Mil anos” trata-se de uma psicografia, elaborada a partir da atividade mediúnicamente cuja ação se baseia na comunicação entre o escritor e seu autor espiritual. Nesse sentido, Chico Xavier, famoso médium espírita brasileiro, é o escritor, que conta com o auxílio de seu mentor espiritual, Emmanuel.

Tendo como protagonista o personagem Públio Lentulus, Senador romano e descendente de antiga família de cônsules da República, os fatos presentes na trama de “Há Dois Mil Anos” abordam diversos acontecimentos, que podem constituir importantes objetos de estudo para a pesquisa histórica. Desse modo, no desenrolar do enredo, marcado por uma trama repleta de dramas, ciúmes e traições, típica do gênero romance, o leitor é inserido em uma narrativa que aborda importantes acontecimentos históricos, a exemplo do contexto político e social do Império Romano, das conversões ao cristianismo nascente e, da revolta judaica, conflito de resistência dos judeus ante a dominação romana.

São acontecimentos históricos marcantes para o século I de nossa Era e que no romance espírita são representados, uma vez que seu recorte temporal é de 31 à 79 d. C., ano em que o enredo do romance psicografado chega ao fim, decorrente da erupção do vulcão Vesúvio que, ao destruir a cidade italiana de Pompéia, finaliza a vida terrena dos personagens.

Diante de tais fatos, que permeiam diretamente o cotidiano dos personagens, algumas situações vão marcar consideravelmente o romance, como os acontecimentos envolvendo a figura de Jesus e, conseqüentemente, a permanência de suas mensagens, motivando, em seu entorno, a formação de comunidades. Essa ênfase pode ser comprovada tanto na grande quantidade de referências que tais acontecimentos possuem na obra “Há Dois Mil Anos”, como também no impacto que os mesmos vão causar na narrativa.

Diante dos diversos acontecimentos históricos mobilizados no romance “Há Dois Mil Anos”, tomaremos de forma específica àqueles que giram em torno do cristianismo primitivo, abrindo espaço para sua figura central, Jesus de Nazaré, tendo, na respectiva obra literária, forte menção. A



forma como estes aparecem na narrativa, naturalmente, não está deslocada da trama como um todo, constituindo parte integrante da vida do personagem principal, Públio Lentulus, e de sua família.

No desenrolar de 48 anos, período temporal da narrativa, muitos espaços são mobilizados por seus autores. Além da cidade de Roma, capital imperial, a província da Judéia aparece como uma região privilegiada, visto que nela os personagens se instalam, experimentando também o desenrolar de uma série de eventos. A respectiva província romana se torna destino da família patriciana quando a filha de Públio Lentulus, Flávia, é acometida por uma enfermidade. Diante da necessidade de um ambiente tranquilo, por sugestões, o senador e sua parentela partem para a Palestina.

O trajeto até a região, bem como a estadia da família Lentulus na Judéia, foi marcado por muitos acontecimentos, entre eles o rapto do filho mais novo de Públio e Lívia, o pequeno Marcus, fazendo com que a permanência na região fosse estendida. É nesse cenário que, no romance, surge a figura de Jesus, colocado à cena envolto de muitos questionamentos, uma vez que se tornou conhecido em diversos círculos de poder por suas ações consideradas milagrosas e por sua fama carismática.

O interesse da família Lentulus por Jesus aumenta à medida que este se torna uma possibilidade de acabar com os sofrimentos que a atingem, sobretudo pelo estado de saúde de Flávia, em constante piora. É o que leva Lívia a querer estar no número daqueles que buscam suas prédicas, tornando-se também uma seguidora fiel de seus ensinamentos. Mesmo após a morte de Jesus, abordada no romance, o movimento em torno dele é representado em “Há Dois Mil Anos” sob o aspecto da continuidade.

Os grupos que se formam a partir das mensagens de Jesus, e que recebem solidez a partir de outras figuras itinerantes, chegam à Roma. Na capital imperial, Lívia procura se inserir como participante dessa comunidade, tornando-se uma das vítimas, junta aos demais, das ações perpetradas pelo imperador Nero, que acaba levando diversos cristãos à morte.

A psicografia de Emanuel, ao tratar do movimento cristão em suas primeiras décadas, aborda diversos elementos inerentes à respectiva crença, além da tentativa de colocar essa realidade sob fundo histórico, haja vista as diversas informações que são mobilizadas para dar conteúdo ao romance. Nesse sentido, não podemos perder de vista a natureza da fonte que aqui está sendo tomada como base, uma vez que as representações acerca do movimento cristão em seu período primitivo está em profundo diálogo com ela.

Em outras palavras, “a análise das representações na literatura é também uma maneira de interpelar os mecanismos nos quais são apresentadas concepções de mundo” (CASTRO, 2021, p. 189), que nesse caso é o contexto da produção psicográfica. No mesmo sentido confirma Gabriela Grecco (2014, p. 47) quando diz que a literatura e seu universo “também constitui uma socialização de valores, memórias e discursos”. Além de se articular com o lugar que as produzem, bem como os sistemas que o legitimam”.

Dito isso, as representações que se esboçam na literatura espírita em questão nos servem como pontos de partida, nos possibilitando refletir outros elementos que dialogam historicamente com os fatos narrados. Tanto a crença, em seu conjunto de sinais, como os eventos que se desdobram a partir dela, serão refletidos. Não obstante, o esgotamento do tema não é o objetivo destas páginas, mas lançar considerações sobre a antiguidade cristã, sem perder de vista as limites já pontuados, o tempo e a fonte literária.

2 A formação das primeiras comunidades cristãs: uma análise a partir do romance espírita “Há Dois Mil Anos”

Como já explicitado, a passagem de Jesus pelo território da Palestina, culminando em sua crucificação, não significou o término de sua ação, pois, de acordo com Emmanuel, autor espiritual de “Há Dois Mil Anos”, a força de suas mensagens foi tamanha que continuou ecoando para além das fronteiras de Jerusalém. Nas palavras de Lima (2010, p. 11), entrando em diálogo com a literatura abordada, “mais uma vez o extermínio violento do líder popular não foi capaz de dar cabo do seu projeto”.

Aqueles que de alguma forma foram tocados pela mensagem do personagem Jesus, referenciado, no romance, sempre como “mestre”, logo formaram uma comunidade cujos ensinamentos recebidos lhes serviram como fonte de inspiração. A literatura espírita aqui interpelada, “Há Dois Mil Anos”, com sua linguagem típica do gênero, nos dá algumas informações sobre tal realidade:



Em Cafarnaum, os seguidores do Mestre de Nazaré organizaram imediatamente uma grande comunidade de crentes do Messias, tornando-se muitos em apóstolos abnegados de sua doutrina de renúncia, de sacrifício e de redenção. Alguns pregavam, como Ele, na praça pública, enquanto outros curavam os enfermos em seu nome. Criaturas rústicas haviam sido tomadas, estranhamente, do mais alto sopro de inteligência e inspiração celeste, porque ensinavam com a maior clareza as tradições de Jesus, organizando-se com a palavra desses apóstolos os pródromos do Evangelho escrito, que ficaria mais tarde no mundo como a mensagem do Salvador da Terra a todas as raças, povos e nações do planeta, qual luminoso roteiro das almas para o Céu. Todos quantos se convertiam à ideia nova, confessavam na praça pública os erros da sua vida, em sinal da humildade que lhes era exigida, portas a dentro da comunidade cristã. E para que o meigo profeta de Nazaré jamais fosse esquecido em seus martírios redentores no Calvário, o povo simples e humilde, de então, organizou o culto da cruz, crendo fosse essa a melhor homenagem à memória de Jesus Nazareno (EMMANUEL, 2009, p. 192).

A citação acima nos fornece alguns dados acerca de como o movimento é representado no romance e, conseqüentemente, foi se consolidando. Um primeiro dado diz respeito ao recorte espacial, Cafarnaum. Sendo uma das cidades a margem do “mar da Galiléia”, onde Jesus também teve forte atuação, formando um considerável grupo de seguidores, é natural que nessa região sua mensagem tivesse mais consistência.

As reflexões em torno do espaço de atuação de Jesus, considerado figura primordial no movimento construído após sua morte, cuja projeção é elaborada a fim de tê-lo como princípio, também têm uma importância considerável. Como afirma Chevitarese (2022, p. 55), com base nas evidências arqueológicas e nas narrativas evangélicas, não há “dúvidas de que Jesus fez de Cafarnaum o centro de seu ministério”. Partindo da dimensão espacial de sua atividade itinerante, tem-se noções acerca de seu público, uma vez que “Cafarnaum era uma aldeia de pescadores judeus, situada na costa noroeste do Mar da Galileia” (CHEVITARESE, 2022, p. 51).

O fato é que o público de Jesus, representado, no romance, de forma expandida, não somente acreditava na mensagem e na força moral de suas ações, como também as transmitiam e praticavam. Conforme pode ser constatado em “Há Dois Mil Anos”, “alguns pregavam, como Ele, na praça pública, enquanto outros curavam os enfermos em seu nome” (EMMANUEL, 2009, p. 192). Nesse sentido, a prática discursiva se reveste de uma finalidade primordial, sobretudo na perpetuação da atividade de Jesus. Por outro lado, como prova de que os seguidores do personagem Jesus não agia por si só, o autor de “Há Dois Mil Anos” enfatiza que a “inteligência e a inspiração celeste” eram a fonte para a força sobrenatural que possuíam.

Ao mencionar o sentido inspirador da atividade desses seguidores, “Há Dois Mil Anos” evidencia o sentido transcendental que o respectivo movimento agrega na vida de seus crentes. Ademais, outro dado importante representado no romance, notório na história do cristianismo



quando de sua expansão, diz respeito à mudança de vida que os “seguidores do Mestre” precisariam passar.

A literatura atribuída a Emmanuel apresenta esse fato de uma maneira essencial, como uma marca da nova comunidade. Não obstante, se a mudança de vida se dava, antes de tudo, como uma conversão interior, elementos simbólicos de natureza externa, material, também eram perceptíveis. Dentre eles ressaltamos a cruz, representado no romance como uma forma de perpetuar a memória do personagem que fora crucificado.

Tomando o conjunto desses elementos, seja os de natureza interna, como é o caso dos valores inerentes ao processo de conversão, seja os de natureza externa, a exemplo da cruz como símbolo, importantes são as considerações de Gerd Theissen (2009). Nas reflexões aqui propostas, tomaremos como base seus estudos pois, ao refletir sobre a realidade dos primeiros cristãos, apresenta o “ser da religião” como um sistema de sinais, onde nele comporta as características semiótica, sistêmica e cultural. Nesse sistema agem formas de expressão, linguagens e a adoção de significados, todos interligados. Na psicografia, é possível perceber alguns desses elementos, cujas funções encontram sua base na narrativa do romance.

Desse modo, partindo das representações já pontuadas, é possível confirmar que ambos os elementos, a mudança de vida e o culto da cruz, eram bem presentes na realidade das primeiras comunidades cristãs. O primeiro elemento era mais do que uma exigência, mas constituía uma condição, cuja resposta se dava através de um processo de conversão. Tal mudança de vida, segundo Gerd Theissen (2009), ainda era carregada por outros dois valores fundamentais: o amor ao próximo e a renúncia ao status. Esses valores, além de serem expressões de humildade, eram, nas palavras do autor do romance, “[...] portas a dentro da comunidade cristã” (EMMANUEL, 2009, p. 192).

Partindo das considerações de Theissen (2009) sobre tais valores, constatamos uma clara articulação com as representações presentes na narrativa da obra espírita, que também se utiliza desses mecanismos marcadamente religiosos. Para Theissen, o primeiro dos valores tem ainda uma ligação com o mundo pagão de então, uma vez que, contraditoriamente, propõe uma novidade. Neste aspecto, para fazer um paralelo com a literatura em questão, basta lembrar das palavras de um dos personagens, Sulpício, quando, ao mencionar as prédicas de Jesus sobre a fraternidade entre as pessoas, usa-as como exemplo para dizer que “prega alguns princípios que ferem as nossas mais antigas tradições” (EMMANUEL, 2009, p. 81).

O segundo valor, a renúncia ao status elevado, para Theissen, corresponde a uma realidade primordial. “A renúncia ao status tem a ver com a relação entre os que se acham em posição elevada



e os que se acham em posição inferior” (THEISSEN, 2009, p. 98). No romance, a forma como a personagem esposa de Públio, Lívia, se relaciona com a crença cristã demonstra muito bem essa realidade, haja vista sua condição social. Em muitos momentos da obra fica explícito que a personagem não coloca barreiras para ir ao encontro de Jesus em detrimento de sua posição naquela sociedade.

Dirigindo-se a Ana, sua serva e amiga, a matrona chega a afirmar que não possui nenhuma dificuldade em se igualar às pessoas pobres e simples da Palestina: “vestirei os trajes humildes desta região de criaturas simples, irei a Cafarnaum, hospedando-me com os teus parentes [...]” (EMMANUEL, 2009, p. 130). Em outros momentos chega a afirmar que não é dessas almas que “[...] aferem o valor de cada um pelas posições que desfruta ou pelas honras que recebe (EMMANUEL, 2009, p. 128).

Conforme é evidenciado no romance, a resignação diante das provações, o comportamento de ternura para com os outros, bem como a desconsideração da posição social superior em detrimento do sentimento de fraternidade, são fortes expressões não só de Lívia, mas de todos aqueles que, ao escutarem as prédicas de Jesus, se convertiam à nova fé. Isso só confirma que as representações do movimento cristão presentes na psicografia aborda a respectiva crença dentro de um conjunto, que não está deslocado de todo o enredo.

Com isso, tendo mencionado os dois valores fundamentais que, para Theissen, estão articulados à conversão, chegamos no segundo elemento, o culto da cruz. Conforme a narrativa do romance, “[...] o povo simples e humilde, de então, organizou o culto da cruz, crendo fosse essa a melhor homenagem à memória de Jesus Nazareno (EMMANUEL, 2009, p. 192). Muitas outras são as passagens na literatura espírita que fazem referência ao culto da cruz. Em uma delas vemos esse culto se consolidar em ambiente doméstico, a exemplo também de Lívia que, em sua casa, faz preces diante do símbolo, sempre em companhia de sua criada, Ana.

Diariamente, ambas procuravam orar, em dolorosa soledade, ao pé daquela mesma cruz grosseira que lhes dera Simeão no instante extremo. Muitas vezes, ambas, em êxtase, notavam que o pequenino madeiro se toucava (sic) de luz tenuíssima, ao mesmo tempo que lhes parecia ouvir longe, no santuário do coração e dos pensamentos, exortações singulares e maravilhosas (EMMANUEL, 2009, p. 301).

Além de ser uma forma de evocar a presença do personagem Jesus, a cruz acabava se tornando um símbolo de unidade, pois, o romance mostra que, no ambiente doméstico, ambas



entravam em sintonia com os demais fiéis. É o que Theissen (2009) chama de “linguagem simbólica ritual”, uma vez que à cruz é dado um sentido referencial, formadora de uma linguagem cotidiana.

Além do sentido espiritual, em outras ocasiões é possível perceber a constituição de uma comunicação. Nesse sentido, “o sinal da cruz, feito de qualquer forma, era a senha silenciosa entre os irmãos de crença [...]” (EMMANUEL, 2009, p. 303). Apesar de expressar de maneira significativa a construção de uma linguagem simbólica, a situação na qual o trecho é encontrado é bastante peculiar, pois, atuando na ilegalidade, o sinal da cruz “[...] feito desse ou daquele modo especial, significava um aviso, cujo sentido era imediatamente compreendido” (EMMANUEL, 2009, p. 303).

Nesse sentido, temos a constatação da formação de uma nova identidade. O mundo simbólico aos poucos vai se constituindo, sendo a linguagem de sinais algo bastante usual, uma vez que “acontecimentos simples e cotidianos são revestidos de conteúdos simbólicos” (THEISSEN, 2009, p. 178). Tudo isso nos faz penetrar em uma realidade mais do que interior, como os valores anteriormente pontuados. Ao contrário, são sinais externos, resultados de uma construção simbólica de pertencimento e compromisso, à medida que os significados dos sinais são inerentes ao grupo.

Dentre todos os elementos já sublinhados, um acontecimento torna-se historicamente manifesto: a expansão da crença pelo Império. Segundo Voegelin (2012), a expansão do cristianismo, primeiramente tendo como base a população do Império romano, além de marcar profundamente os acontecimentos vindouros, traz, também, uma função política à medida que cria uma “substância nova da comunidade que seria enxertada” (VOEGELIN, 2012, p. 201). Ou seja, é o embrião de uma nova forma de convivência que incidirá nas relações sociais, habitando inclusive as práticas cotidianas de cada indivíduo filiado.

Em “Há Dois Mil Anos” algumas passagens apresentam essa realidade. São representações que se articulam de forma direta com a narrativa da psicografia, a exemplo da conversa entre Lívia Lentulus e Calpúrnia Severo³. Ao tocarem no tema da expansão da respectiva crença, Calpúrnia expõe seu parecer: “essa crença está chegando agora à sede do Império e por sinal tem encontrado a repulsa geral dos nossos homens mais sensatos e ilustres” (EMMANUEL, 2009, p. 261).

É importante destacar que, ao descrever a situação da nova crença na capital do Império, os homens “sensatos e ilustres” citados por Calpúrnia são aqueles que não se deixaram levar pelas ideias tidas como incompatíveis com as tradições familiares dos romanos. Nesse sentido, como se apresenta claramente no romance, as ideias de Jesus, compartilhadas por seus seguidores, não

³Calpúrnia Severo, esposa de Flâmínio Severo, melhor amigo do senador Públio Lentulus.



tiveram muita ressonância entre a população que mais estava vinculada às tradições, especialmente entre aqueles que compunham a estrutura de poder político.

Essa falta de aceitação, como veremos, resultará em atitudes extremadas. Nesse sentido, somos levados a questionar: quais eram, de fato, as causas desse estranhamento entre romanos e cristãos? Como se iniciaram os conflitos que, mais tarde, resultou no cenário das perseguições? Segundo o historiador Patrick Le Roux (2009), o que imperava nessa relação, sobretudo por parte dos romanos, ainda atrelados à religião imperial e tradicional, era a ótica da indiferença.

Os conflitos entre os cristãos e o Império se cristalizaram igualmente em torno do culto imperial. Inicialmente de origem judia, os cristãos foram durante muito tempo confundidos com uma seita judaica, especialmente porque as comunidades da diáspora foram as primeiras a acolher a nova religião (LE ROUX, 2009, p. 116).

Sem dúvida, além do culto ao imperador ser muito propagado, fazia parte da religião oficial. Na pessoa do imperador, “[...] não só o Estado mas também a religião estavam centralizados e combinados” (CASTOLDI, 2014, p.13). Embora Le Roux (2009) associe tal conflito ao culto imperial, pois, de fato, as primeiras comunidades cristãs não acolhiam a imagem do imperador associado a um deus, o romance em questão nos aponta outros elementos importantes para melhor compreendermos a inibição e repressão sofrida pelos adeptos dessa nova mentalidade.

O Império fundado com Augusto, que significou a maior expressão de um Estado forte em todas as épocas do mundo, depois das conquistas democráticas da República, não tolerava nenhum agrupamento partidário, em matéria de doutrinas sociais e políticas. Verificava-se em Roma o mesmo que hoje com as nações modernas, a oscilarem entre as mais variadas formas governamentais, ao longo do eixo dos extremismos e dentro da ignorância do homem, que teima em não compreender que a reforma das instituições tem que começar no íntimo das criaturas. As únicas associações admitidas eram, então, as cooperativas funerárias, em vista de seus programas de piedade e proteção aos que já não podiam perturbar os poderes temporais do César. Perseguidos pelas leis, que lhes não toleravam as ideias renovadoras; encarados com aversão pelas forças poderosas das tradições antigas, os adeptos de Jesus não ignoravam a sua futura posição de angústia e sofrimento. Alguns editos mais rigorosos os compeliam a ocultar a manifestação de crença, embora o governo de Cláudio procurasse, sempre, o máximo de ordem e equilíbrio, sem grandes excessos na execução dos seus desígnios. Alguns companheiros mais esclarecidos na fé advogavam publicamente as suas teses, em epístolas ao sabor da época; mas, muito antes dos crimes tenebrosos de Domício Nero, a atmosfera dos cristãos primitivos era já de aflição, angústia e trabalhos penosos. Desse modo, as reuniões das catacumbas efetuavam-se periodicamente, nada obstante o seu caráter absolutamente secreto (EMMANUEL, 2009, pp. 301-302).

Segundo a citação acima, o Império reprimia tudo aquilo que fosse minimamente contrário às suas normas e tradições. Entre elas, tinha-se claramente a questão religiosa e moral, tocando sensivelmente no modo de ser das comunidades cristãs desse período, uma vez que estas interferiam

em ambas as dimensões. A forma como este contexto aparece no romance dá base para a afirmação de alguns estudiosos quando sustentam que “[...] oficialmente nos dois primeiros séculos prevalece com firmeza a tradição romana” (CASTOLDI, 2014, p.16).

Entretanto, o apego às tradições romanas nos dois primeiros séculos de nossa era ainda é objeto de discussão, ou pelo menos não deve ser compreendido de forma simplista. O devotamento que os romanos possuíam às suas tradições não deve pressupor um fechamento ao que é novo. Sobre esse tema Bodioli (2014, p. 38) esclarece que “a articulação entre conservadorismo e a inovação ocorria - de maneira aparentemente contraditória - dentro da própria tradição”.

Paul Veyne (2009, p. 163) ainda é mais enfático, pois chega a afirmar que Roma nada tinha de tradicionalista e respeitosa de seus costumes, estando até mesmo suas instituições em meio a uma confusa fluidez. De forma prática, “essa tradição só era invocada com relação às instituições públicas; por isso se encontrava apenas na boca dos grandes, únicos autorizados a falar de política; e era invocada como objeção” (VEYNE, 2009, p. 163). Dessa maneira, temos aqui um elemento importante que precisa ser desmitificado para entendermos melhor todo esse panorama.

Não obstante, como desenvolvimento da constatação anterior, outros elementos se desenvolvem na narrativa de “Há Dois Mil Anos”. Um deles diz respeito ao fato de serem permitidas somente “cooperativas funerárias”, o que reflete a manutenção do poder do César, já que não representava nenhuma aversão à ordem vigente. O outro elemento corresponde ao próprio contexto, tratando-se do período em que o imperador Claudio estava no poder. Se Cláudio, no romance, está associado a um governo de “ordem e equilíbrio”, “sem grandes excessos”, a mesma relação não acontece com o governo de Nero, figura apresentada como agenciadora de “crimes tenebrosos”.

No romance, a clara negação da figura de Nero, como deixa entrever a última citação, tem sua razão. É em seu período de governo que são apresentados com mais detalhes alguns episódios trágicos para as primeiras comunidades que se consolidaram em torno dos ensinamentos de Jesus, inclusive com participação de importantes personagens. O fato é que, embora ambos os imperadores, Claudio e Nero, sejam considerados a partir da relação com estas comunidades, “a atmosfera dos cristãos primitivos era já de aflição, angústia e trabalhos penosos”.

Podemos tomar como exemplo as figuras de Lívias e sua serva Ana, ambas cristãs. Em determinado diálogo, Ana descreve à sua senhora as táticas que os cristãos em Roma estavam utilizando para burlar o controle imposto pelo poder imperial diante do que considerava oposição, incluindo os adeptos da nova crença.

Nessa época, instruída por alguns cristãos mais humildes, Ana cientificou a senhora das reuniões nas catacumbas. Somente ali podiam reunir-se os adeptos do Cristianismo nascente, porquanto, desde os seus primeiros eventos na sociedade romana, foram as suas ideias consideradas subversivas e perversoras (EMMANUEL, 2009, p. 301).

Na psicografia atribuída ao espírito Emanuel, destacado o olhar de subversão e ilegalidade sobre a então crença, a utilização das catacumbas se torna a alternativa para lugar de encontro. Ademais, como é possível observar em outras passagens, temos outros dados importantes, como a informação de que “grande [era o] número de apóstolos da Palestina [que] passava em Roma” (EMMANUEL, 2009, p. 302), o que revela o crescimento do fluxo de cristãos para a capital do Império.

Como amostra, podemos tomar o exemplo das já mencionadas Lívia e Ana, cristãs que procuram se unir ao número daqueles que, em Roma, também possuíam a mesma crença. Como é típico da narrativa romântica, cujos detalhes impressionam, “Há Dois Mil Anos” destaca que ambas, ao partirem para o local de culto, aproveitaram-se “[...] das primeiras sombras da noite para atingir as catacumbas” (EMMANUEL, 2009, p. 338). Nesse episódio, o Império Romano já se achava governado pelo imperador Domício Nero, líder descrito, na literatura em questão, como “famigerado”, além de estar fortemente associado aos tenebrosos crimes cometidos contra os cristãos.

Como já percebido, Lívia e Ana se tornam, na narrativa espírita, as principais representantes do movimento cristão. Na presente ocasião, onde ambas se dirigem às catacumbas romanas, havia chegado na capital imperial um considerável orientador religioso, denominado de apóstolo de Antioquia. Seu nome era João de Cleofas. Conforme descreve o romance, tal figura “[...] trazia à cabeça os primeiros cabelos brancos e toda a sua figura estava saturada de forte magnetismo pessoal [...]” (EMMANUEL, 2009, p. 341).

É neste encontro que o romance apresenta os primeiros acontecimentos que levarão os cristãos ao suplício, realidade que atravessou os séculos como expressão, por um lado, da crueldade imperial romana, especialmente de Nero e, por outro, como emblema da fé e resignação diante da morte. Segundo informa o romance, vivia-se, aproximadamente, o ano 58. Embora muitos apontem o ano 64 como sendo a data início das perseguições e atos de violência contra os cristãos, o autor de “Há Dois Mil Anos” nos alerta que desde 58 é possível perceber o início desses movimentos anticristãos.

O martírio apontado nesse episódio é o único evidenciado no romance, cuja narrativa, ao apresentar minuciosos detalhes, nos permite problematizar o referido cenário. Mesmo após serem



surpreendidos pela guarda romana, cuja chegada já anunciava o perigo de morte que os cercava, o romance não perde de vista o sentido de aceitação que os cristãos da literatura precisavam assumir.

Ao destacar esse elemento, o caráter virtuoso da então crença aparece como marca incontestável. Isso se torna mais claro com as palavras de João de Cleofas, o apóstolo de Antioquia, que acalma os presentes em tom exortativo, afirmando que não viera “[...] a Roma senão para as glórias do sacrifício” (EMMANUEL, 2009, p. 345).

Diante do iminente perigo de morte, a alusão à figura de Jesus logo é evocada, uma vez que este também sofreu e não fugiu do destino de morte que lhe esperava. No sistema de crenças aqui abordado, o “Mestre de Nazaré”, portanto, se torna “[...] o símbolo de uma incontornável tensão em relação ao mundo” (THEISSEN, 2009, p. 303), ou seja, figura modelo para o movimento que se forma em seu entorno, como também retrata o romance espírita. Em outras palavras, considerando o presente episódio e a forma como ele é representado na obra, “[...] os cristãos devem expor-se ao risco de tensões e conflitos com seu mundo ambiente, e suportá-los” (THEISSEN, 2009, p. 303), mesmo que o fim seja a morte.

O sentimento de resignação expresso pelos cristãos da literatura espírita ainda pode ser comprovado no ambiente do cárcere. Ao serem presos, os cristãos do romance foram colocados em lugar reservado, que “ficava anexo ao grande circo”. O circo a que “Há Dois Mil Anos” faz referência é o famoso Circo Máximo, situado entre o Aventino e o Palatino, usado no período imperial para divertimento e eventos públicos. Conforme narra o romance, os cristãos ali próximos iriam ser utilizados para entretenimento da população. É neste episódio que Livia troca suas vestimentas com Ana, garantindo sua liberdade e poupando-a do que estava por vir.

Tudo, porém, fora obra de alguns segundos, porque a porta sinistra estava agora aberta e as armas ameaçadoras dos prepostos de Domício Nero obrigavam os prisioneiros a demandar a arena, como um bloco de condenados ao terror da última pena. [...] Sob os aplausos delirantes e ensurdecadores da turba numerosa, soltaram-se os leões famintos, para a espantosa cena de impiedade, de pavor e sangue, mas nenhum dos apóstolos desconhecidos, que iam morrer no depravado festim de Nero, sentiu as torturas angustiosas de tão horrenda morte, porque o brando anestésico das potências divinas balsamizou o coração dorido e dilacerado no tormentoso momento (EMMANUEL, 2009, p. 364)

Sobre este fato, as cenas retratadas no romance são descritas de forma impiedosa. Em contrapartida, o público presente no grande circo reagia com “[...] aplausos delirantes e ensurdecadores [...]” (EMMANUEL, 2009, p. 364). Além do mais, continua a narrativa, “enquanto estraçalhavam corpos misérrimos, Domício Nero mandava que todos os coros de dançarinos e todos os músicos celebrassem o espetáculo com os cânticos e bailados de Roma vitoriosa” (EMMANUEL,

2009, p. 365). Com isso, temos a junção de elementos característicos do romance, que não se restringe em detalhar as cenas do enredo e os dados que nos permite problematizar as representações o cristianismo primitivo.

Como é notório, as ações persecutórias que eclodiram no Império Romano em desfavor dos cristãos marcaram consideravelmente a trajetória da crença em suas primeiras décadas. No século II essa realidade se torna mais sistemática. Contudo, as representações do romance sobre as perseguições aos cristãos nos leva a problematizar questões diversas, que dialogam desde as motivações para a realização dos atos, bem como a reação dos presentes na arena do Circo Máximo e em outras ocasiões. Não é nosso objetivo problematizar todas essas questões, mas perceber que as representações encontradas no romance, além de dialogarem com a narrativa, se tornam um caminho para possíveis debates, sobretudo de natureza histórica.

Um exemplo de debate que pode ser aprofundado a partir das representações do romance, além das motivações em torno das ações anticristãs, é acerca da mobilização de espaços, como é o caso do circo máximo e o entretenimento que seu uso carrega. Nesse sentido, por um lado, precisamos ter em vista uma prática muito difundida no período em questão, mesmo embora este seja caracterizado pela chamada *Paz Romana*: a utilização da arena para o entretenimento através das disputas entre gladiadores. “Com essa ‘paz’ imperial, quase que ironicamente também se difundiria um dos entretenimentos mais violentos que noticia a história: o combate de gladiadores (CASTOLDI, 2014, p.15).

Além das execuções cristãs estarem inseridas nessa realidade, uma vez que são usadas como entretenimento, quando comparadas com a prática do combate de gladiadores, representa uma novidade. De forma geral, no romance, as representações do cristianismo primitivo no tocante às perseguições, há a prevalência do entretenimento. Posteriormente, como uma comunidade mais consolidada, as perseguições possuirão caráter jurídico-religioso, pois a recusa ao culto ao imperador poderia dar base para duras penalidades, incluindo a morte.

Embora tais questões não sejam aqui aprofundadas, podemos encontrar duas compreensões importantes. De um lado temos a dimensão política que realiza esses atos de crueldade. Nessa dimensão, temos uma ordem jurídica, pois “[...] o mártir acaba sempre por ter de se submeter seja às penas previstas nos códigos de direito vigentes ou, então, é apenas vítima da sua mais pura e completa ausência [...]” (VILA-CHÃ, 2009, p. 31).

Por outro lado, temos um movimento interno aos adeptos da crença, que se relaciona com a forma na qual percebem o martírio, apresentado na literatura com resignação, pois se constitui como

um caminho de união ao sofrimento de Jesus e como uma autêntica adesão à fé. Sendo assim, “para o Cristianismo, de fato, a imagem mais perfeita e completa do sentido da vida não é outra senão a Cruz [...]” (VILA-CHÃ, 2009, p. 31), sentidos que não estão desvinculados do “sistema de sinais” que engloba todos os aspectos da crença cristã, inclusive nas representações de “Há Dois Mil Anos”.

3 Considerações finais

Para além do cristianismo primitivo aqui colocado, muitos outros temas poderiam ter sido tomados como objeto. Diante da mobilização de uma série de eventos, todos presentes na narrativa de “Há Dois Mil Anos”, assuntos relacionados à religiosidade, escravismo, questões de gênero, bem como o mundo político romano também são possíveis de serem problematizados. Não diferente das representações do cristianismo primitivo, refletidas nessas páginas com mais ênfase, todos os demais assuntos não estão deslocados do enredo da literatura, cuja articulação atinge também o lugar de produção do romance, a doutrina espírita, que não pode jamais ser negligenciado.

Não obstante, embora a referida doutrina sirva como eixo explicativo para o conteúdo e a forma das representações aqui problematizadas, “Há Dois Mil Anos” se mostra uma fonte fecunda, nos permitindo perceber os diversos mundos que o tema do cristianismo primitivo abrange, além das diversas maneiras com as quais ele pode se apresentar, a exemplo das produções psicográficas. Ademais, considerando o contexto geral da antiguidade romana, “o mundo antigo ainda se faz representado por meio de diversos veículos” (CASTRO, 2021, p. 206), chegando ao conhecimento de um público amplo, sem nenhuma perspectiva de estudo historiográfico, como a ampla gama de leitores que se interessam pelo gênero romance.

Por fim, convém reforçar que, diante das limitações desse trabalho, não foi possível o aprofundamento do respectivo tema em determinados aspectos, a exemplo da utilização de outras fontes do período estudado, o que tornariam as reflexões mais substanciais. Com o foco nas representações e problematizando os principais aspectos que explica sua apresentação na narrativa, objetivou-se uma abordagem de natureza geral, com destaque para o diálogo com a bibliografia que poderia contribuir com as discussões propostas.

Referências

Fonte:

EMMANUEL. **Há Dois Mil Anos**: Episódios da História do Cristianismo no Século I. Brasília: Federação Espírita Brasileira, 2013.

Bibliografia:

BODIOLI, Nelson de Paiva. **Religião Romana Nas Fronteiras Da Romanidade**: um estudo sobre a construção e manutenção de identidades romanas durante o principado Júlio-Claudiano. 2014. 148f. Tese (Doutorado em História). - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2014.

CASTOLDI, Ticiano Saulo Scavazza. **A Igreja que conquistou um império**: História da ascensão do cristianismo no império romano. 2014. 96 f. Monografia (Graduação) - Curso de História, Centro de Ciências Humanas e Jurídicas, Centro Universitário Univates, Rio Grande do Sul, 2014. Disponível em:

<https://www.univates.br/bdu/bitstream/10737/625/1/2014TicianoSauloScavazzaCastoldi.pdf>.

CASTRO, P. S. V. A literatura espírita brasileira e as representações da Roma antiga no romance “há dois mil anos”. **Mythos**, Imperatriz - MA, ano V, n. 1, p. 187-207, Mar. 2021.

CHEVITARESE, André Leonardo. **Jesus de Nazaré**: o que a História tem a dizer sobre ele. Rio de Janeiro: Menocchio, 2022.

GRECCO, Gabriela de Lima. História e Literatura: entre narrativas literárias e históricas, uma análise através do conceito de representação. **Historiador**, Porto Alegre, v. 1, n. 7, p.118-129, jan. 2015.

LE ROUX, Patrick. **Império Romano**. Tradução: William Lagos. Porto Alegre, RS: Editora L&PM Pocket, 2009.

LIMA, Anderson de Oliveira. Roma e os camponeses da Galileia: os motivos que proporcionaram o nascimento do movimento de Jesus de Nazaré. **Revista de Ciberteologia**, São Paulo, v. 32, p.1-13, 2010.

THEISSEN, Gerd. **A religião dos primeiros cristãos**: uma teoria do cristianismo primitivo. São Paulo: Paulinas, 2009.

VEYNE, Paul. **História da Vida Privada**: do império romano ao ano mil. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

VILA-CHÃ, João J. Igreja de mártires: o martírio como símbolo e condição do ser-cristão. **Revista Lusófona de Ciências da Religião**. Ano VIII, 2009/ n. 15 - 27-38.

VOEGELIN, Eric. **História das ideias políticas**: helenismo, Roma e cristianismo primitivo. São Paulo: É Realizações, 2012.